

O MATE E O TACHO: APRESTOS DA VIDA NO QUILOMBO CORRÊA

Letícia de Faria Ferreira *

Patrícia Marasca Fucks **

Élcio Bilibio Bonfada ***

O presente resumo apresenta parte dos resultados obtidos pela pesquisa etnográfica que vem sendo desenvolvida na Comunidade rural do Distrito de São Paulo das Tunas, no município de Giruá/RS, mais especificamente nas chamadas “casas dos Morenos”, área reconhecida oficialmente como Quilombo Corrêa desde junho de 2010, distante cerca de 20 km da sede de Giruá, é habitado pelos descendentes do patriarca dos Correa. Essa pequena área de terra (em torno de cinco hectares) foi adquirida pelo patriarca dos Corrêa através dos rendimentos de seu trabalho como peão e agregado de uma fazenda vizinha. Segundo relatos dos mais velhos, o avô materno dos Corrêa teria vindo à região para trabalhar no conserto dos batentes da estrada de ferro, possivelmente sendo descendente de escravos oriundos das fazendas da região de Cruz Alta/RS. A geração atual que reside no Quilombo tem como meio de subsistência os produtos provenientes da propriedade rural e, fundamentalmente, a aposentadoria. A maioria encontra-se com certa idade (em torno de 50 anos), sendo a mais jovem descendente Cleuza, que cuida das apresentações da comunidade para o público visitante e, também, busca junto à Prefeitura realizar um projeto que seja capaz de aliar a visitação com alternativas que ajudem na geração de renda para a família. Considerando que a história da comunidade e da família depende da memória oral de seus integrantes, a pesquisa intenta percorrer esse caminho da memória, a partir dos relatos de vida, levando em conta seus desvios e labirintos onde os modos e usos da vida, no presente, se imiscuem com o passado. Observa-se que as relações de parentesco, tal como as suas casas, são muito próximas e as refeições são compartilhadas especialmente quando recebem algum visitante. Para obsequiar quem chega ao Quilombo é comum que a família apresente a erva de carijo, feita cuidadosamente por Tigre (apelido de José Correa) que colhe as folhas em terras vizinhas e, depois, seca-as na beira do riacho que passa no seu terreno. A pesquisa procurou descrever os ritmos e afazeres do cotidiano da família Corrêa, procurando recriar

* Professora Doutora em Antropologia/ CPDA/UFRRJ, Docente e pesquisadora. Universidade Federal da Fronteira Sul. leticiadefaria@hotmail.com

** Professora Mestre em Extensão Rural/ UFSM, Especialista em Patrimônio Cultural em Centros Urbanos/ UFRGS, Docente e pesquisadora. Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Cerro Largo. pmfucks@uffs.edu.br

*** Estudante de Agronomia, UFFS. Universidade federal da Fronteira Sul. elciobonfada@hotmail.com

pela escrita as tramas narradas pela memória do grupo. O trabalho buscou, ainda, compreender e descrever os saberes nativos, o *modus vivendi* e as experiências comunitárias desenvolvidas no Quilombo Corrêa. Versa-se sobre a presença negra, polaca, alemã, indígena, portuguesa; enfim, pesquisar o Quilombo Corrêa é adentrar um rico território de hibridismo cultural, onde as diferenças culturais aparecem como se fossem conduzidas para uma aquarela que, ao misturar-se, cria novas e criativas possibilidades. Sobretudo, os pesquisadores estiveram atentos na observação dos métodos tradicionais de trabalho, praticamente em extinção, no caso descrito, especialmente aqueles que dizem respeito à coleta nômade e à produção artesanal da erva-mate de carijó.

Palavras-chave: Cotidiano; etnografia; memória; remanescentes quilombolas.